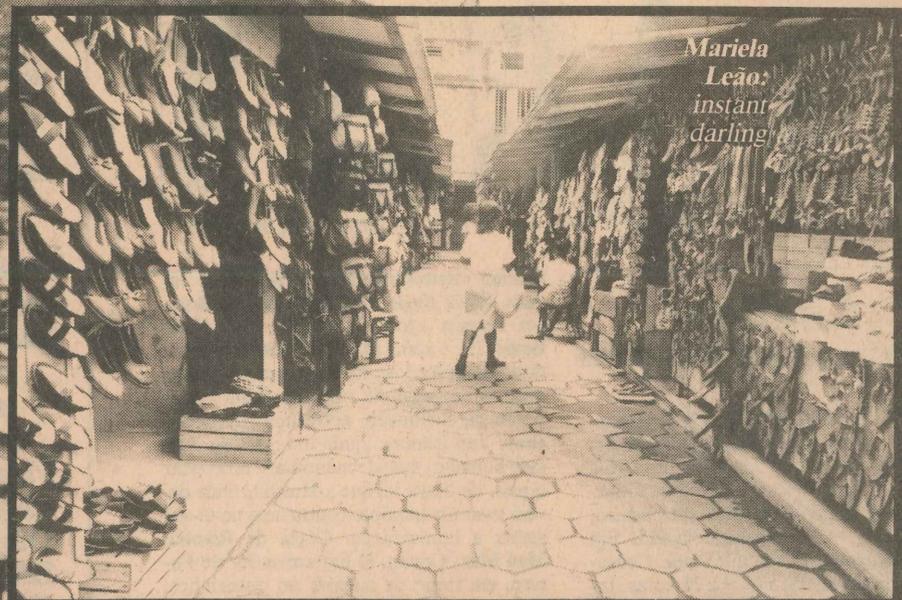
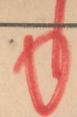
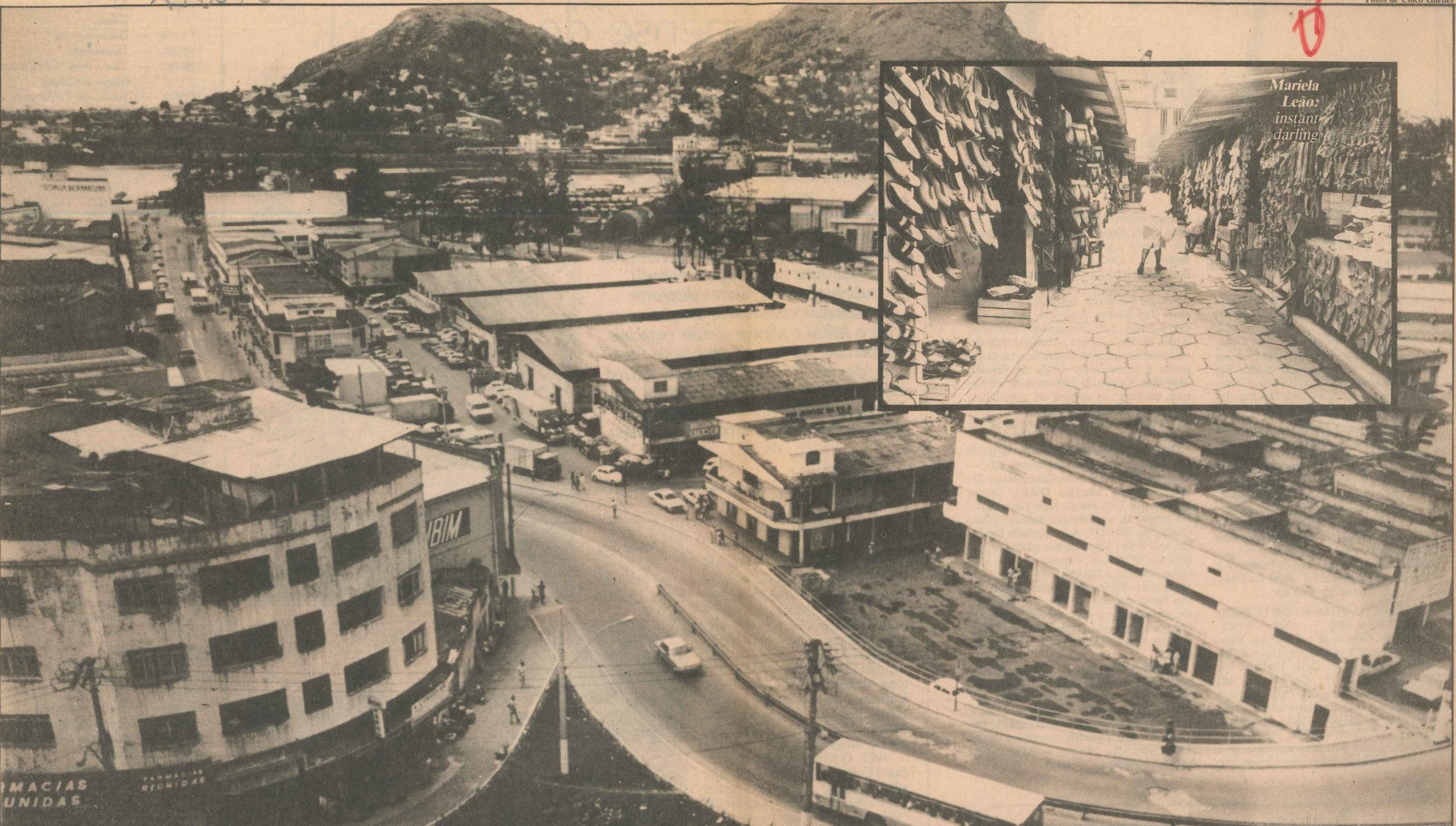


A 20152

Fotos de Chico Guedes



Mariela Leão: instant darling



A Vila Rubim e seu mercado (no detalhe): um bairro e suas transformações

A cidade acorda na Vila Rubim

A cidade acorda na Vila Rubim

De bairro residencial, a Vila Rubim se transformou no mais popular centro comercial de Vitória

Marco Antonio Antolini

A Vila Rubim tem a cara do Brasil. Nas feições de suas ruas estão estampadas as contradições de uma nação que ainda não encontrou o seu caminho. Alegria e tristeza, trabalho e malandragem, solidariedade e brigas, sentimentos e valores que se opõem e convivem num mesmo espaço. Assim é a Vila Rubim, local que reúne trabalhadores, prostitutas, policiais, piveles, compradores. Enfim, um microcosmo da nação chamada Brasil.

A Vila amanhece cedo. Antes que o sol nasça, o movimento é intenso no local. Às 6 da manhã os três galpões principais do mercado abrem as portas para receber o público. Os ônibus que vêm dos bairros despejam uma leva de trabalhadores que ali se instalam ou apenas fazem baldiação para outra condução. Os mendigos despertam sob as marquises. Começa o barulho das caixas, do ronco dos carros, dos gritos. É hora do pingado com pão e margarina. A cidade acorda na Vila Rubim.

A principal atividade econômica do local é o comércio. E ali se vende de tudo. O interior dos galpões é exótico e as dezenas de lojas aglutinada mal conseguem definir seus limites. É exposta uma infinidade de produtos, desde calçados e roupas, passando por panelas-de-barro, plantas medicinais, defumadores, imagens de santos, até os hortifrutigranjeiros.

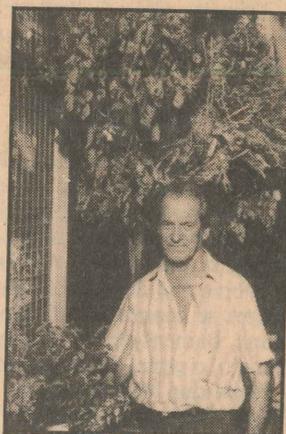
No tamanho original as lojas mediam 2x2m. Algumas ainda conservam esta metragem, mas a maioria, com o passar do tempo, ampliou suas fronteiras ocupando o espaço do vizinho. Assim, há feirões divisando com lojas de confecções, pequenos bares com vendedores de produtos religiosos, entre outras surpresas; misturas próprias de mercado livre onde cada um vende o que quer.

Medicina popular

Uma das mais tradicionais culturas populares, a possível cura através das plantas é uma das atrações da Vila Rubim. Várias lojas vendem uma infinidade de ervas. Aos 68 anos, José Lopes Vieira está no mercado há 25. Ocupando as lojas 63 e 64 do terceiro galpão, com oito metros quadrados, ele quase se perde entre as centenas de ervas que vende. Cargueja, cipó-cravo, jatobá, camomila, suma rocha, salsa (de vários tipos), pacová, entre tantas outras, aglomeram-se na banca de José Lopes.

"Aqui há ervas para quase todas as doenças, menos para a Aids e o câncer. Mas estas nem mesmo os médicos descobriram o remédio", explica José Lopes. "Que as plantas curam ninguém garante, só Deus". Apesar da dúvida, ele afirma que os resultados têm sido sempre positivos. "É comum um freguês voltar para dizer que ficou curado".

Pelo resultado pretendido, o preço



José Lopes Vieira comercializa ervas "que curam quase tudo"



Adelpho: a Vila cresceu com a inauguração das Cinco Pontes

de um maço de qualquer erva é quase que simbólico, variando de NCz\$ 1,00 a NCz\$ 2,00. O comerciante se limita apenas a vender, mas "de médico e louco todo mundo tem um pouco". Quando o freguês não sabe o que levar, José Lopes faz breve "diagnóstico" e indica o melhor produto. "Se eu não souber, consulto um dos vários livros que tenho aqui".

José Lopes aprendeu o "ofício" com o pai que, segundo ele, curava até mesmo "ofensa (mordida) de cobra". Porém, sua experiência se solidificou-se no próprio mercado com os clientes e os livros. A freguesia é basicamente de pessoas humildes, sem recursos para visitar a farmácia. "Gente rica tem até vergonha de pedir".

Mas a procura por ervas não é apenas para os males do corpo. Mentres e corações atormentados recorrem a sua lojinha em busca da solução de problemas de ordem emocional. "O que eu mais vendo aqui é arruda, que serve para banho de descarrego e afastar as coisas ruins". Com fé na natureza, o público procura em grandes quantidades a "abre caminho", "abre gira", etc. Mas não é só. "Dizem que o cipó-cravo é um bom afrodisíaco. E não faltam compradores", revela.

O sucesso brega

Uma característica marcante na Vila Rubim é a presença de lojas de

discos que vendem quase exclusivamente LPs de música sertaneja. "Amado Batista, Chitãozinho e Xororó, João Mineiro e Marciano, Ismael Carlos, Tonico e Tinoco, são os mais procurados", revela o vendedor Marcelo, da Discoteca do Pedrinho, que fica na rua Pedro Nolasco.

Contrapondo a tendência da vantagem de discos de outras lojas, na Vila Rubim Rolling Stones, The Cure, Titãs, Legião Urbana ficam mudos nas prateleiras. "80 por cento de nossas vendas são os chamados bregões", afirma Flávio Sena, gerente do Sacolão dos Discos, também na avenida Pedro Nolasco. Como técnica de marketing, a discoteca só toca música do gênero para atrair ainda mais a clientela.

Para ele a razão da venda de discos sertanejos está nas características das pessoas que frequentam a Vila Rubim, gente vinda do interior e dos bairros periféricos. E em função do movimento da Vila, aos sábados a loja fecha às 16 horas, enquanto a filial da Praça Oito só fica aberta até às 12 horas.

Na banca de revista de Darly Meireles, próxima à agência do Banestes, as publicações eróticas são as que mais vendem. Predominam também livrinhos de bolso, e as revistas **Bianca, Júlia, Sabrina**, etc. Dos jornais cariocas, vende diariamente de 30 a 40 exemplares de **O Dia, Jornal do Brasil** só um ou dois.

Passado de glória

De 1812 a 1819 governou a Capitania do Espírito Santo o coronel português Francisco Alberto Rubim. Seus feitos como homem público fazem parte da história do Estado e ele ainda emprestou seu sobrenome para identificar a antiga e hoje mais famosa vila da Ilha de Vitória.

A origem da Vila Rubim, assim chamada, data do início do século. "Ela era conhecida como Cidade de Palha, pois no local predominavam a pobreza e os casebres. Era o nosso Canudos", esclarece Adelpho Poli Monjardim, escritor e historiador capixaba com mais de 20 livros publicados e que por duas vezes foi prefeito de Vitória (55 a 57 e 59 a 63). Adelpho explica que o local abrigava principalmente famílias de imigrantes, do interior do Espírito Santo e de outros Estados.

Para ele, Vitória foi crescendo e teve que se expandir. E o desenvolvimento da Vila se deu "graças a situação de passagem obrigatória para o continente e vice-versa, pois sobre os seus terrenos desemboca a ponte Florentino Avidos, inaugurada em 1927.

Na década de 40 surgiu o mercado, que deu novo alento ao local, marcando a transformação de espaço residencial para comercial. Até 1963, funcionavam os bondes, que vinham de Santo Antônio para Vitória e vice-versa. Neste ano, a Central Brasileira de Força Elétrica substituiu o antigo meio de transporte pelo ônibus. Hoje predominam a poluição dos carros, o barulho é ensurdecedor e o ar quase irrespirável.

Os mais antigos lembram do tempo em que o mar passava embaixo da Ponte Seca, da tranquilidade do local. Naquela época, sair à noite não representava risco de vida.

Organização e malandragem

O comércio intenso da Vila Rubim conglomerava uma infinidade de ramos: lojas de roupas, farmácias, bares, pequenos hotéis, pensões, restaurantes, grandes supermercados, grandes lojas de departamentos, barbearias, alfaiatarias, agências bancárias, ponto de táxi, de frete, padarias, armazéns, lojas especializadas em produtos de magia, ambulantes, feirantes, e outros, além das prostitutas que comercializam o próprio corpo.

O presidente da Associação dos Comerciantes da Vila Rubim, Aristides Constantinidis, não soube precisar o número exato de filiados à entidade. Porém, os 42 mil votos que recebeu na última eleição servem para medir o peso da associação. "Daria para eleger um deputado estadual", revela. Eleito por três mandatos consecutivos, Aristides, apelidado de Gringo, nasceu no Egito há 68 anos. Chegou ao Brasil em 49 e se estabeleceu, posteriormente, na Vila Rubim.

A sua eleição não foi obra do casuísmo. Debilitado por uma doença, ele não se deixa abater. Conhece os problemas da Vila e está sempre pronto para resolvê-los. "Eu não fico um minuto parado". Toda e qualquer confusão o "Gringo" é logo acionado para interceder. Para ele, os piores problemas são a prostituição e os pivetes que frequentam o local.

Apesar da presença de um trailer da Polícia Militar dentro do mercado, que, segundo "Gringo", melhorou a situação, ele acha inadmissível a permanência das mulheres no local, principalmente durante o dia, pois se tem que ouvir "os mais absurdos palavrões". Contudo, antes da chegada da PM, a situação era pior. "Gringo" afirma que sua banca já foi assaltada 11 vezes. Para prevenir os furtos, ele coloca os produtos na geladeira. "Antigamente as pessoas eram alvejadas com laranja, tomates, etc. Hoje isso mudou, principalmente pela presença da polícia".

"Gringo", entretanto, não esconde sua mágoa com a

Prefeitura de Vitória. Próximo aos galpões do mercado há uma obra inacabada que abrigaria um posto da PM. "Este módulo será de grande importância para a nossa segurança. O prefeito Vítor Buaiz prometeu que iria inaugurá-lo, mas até agora nada".

Ainda há outros problemas sérios: os batedores de carteiras que, bem vestidos, "parecem capitalistas", e os pivetes. Ele recomenda não confundir pivetes com meninos que trabalham. Para provar isso ele mostra a Sorveteria Diana, onde várias crianças, entre 8 e 15 anos, abastecem suas caixas de isopor com picolés e sorvetes para vender na Vila e proximidades.

Organizados

A entidade que "Gringo" preside é a única da Vila Rubim. No local também há a Associação dos Barraqueiros da Praça do Palmito. São 57 barracas que compõem uma das maiores feiras de camelôs do Estado reunidas em uma mesma área, existe há dois anos e é presidida por Arnaldo Ferreira dos Santos.

Para ele, "a feira se firmou no local graças à organização

da categoria". Sua estimativa é de que 1.500 pessoas, aproximadamente, vivem dela. Os ambulantes comercializam principalmente calçados, mochilas e roupas, que, segundo Arnaldo, "são encontrados por um preço bem mais baixo do que nas lojas".

Mas os ambulantes não estão concentrados somente na Praça do Palmito. Muitos deles, não filiados à Associação, espalham-se pelas ruas da Vila Rubim. Acomodam-se também no local vendedores de frutas e verduras, carrinhos de churrasco e engraxates, entre outros biscateiros. Na Vila funciona ainda, durante todos os dias da semana, uma feira de hortifrutigranjeiro, semelhante as que acontecem nos bairros.

Com tantos produtos em oferta, paradoxalmente há pessoas que para sobreviverem têm que buscar seu sustento no lixão da Vila. No terreno que começa embaixo da Ponte Seca, crianças, adultos e velhos convivem com o mau cheiro e moscas, expostos a doenças, catando papel para vender. Num abrigo improvisado de papelão "mora" Sinval Pereira Cunha, a mulher e dois filhos pequenos. "Minha cara já saiu muitas vezes no jornal. Acho que até o pessoal de Brasília me conhece, mas ninguém faz nada", diz, sem explicar bem o que espera que façam.